fragmentum
periodicos.ufsm.br/fragmentum

UFSM
Fragmentum, Santa Maria, n. 58, p. 141-151, jul./dez. 2021
DOI: https://doi.org/10.5902/2179219466554
ISSN: 1519-9894 / e-ISSN: 2179-2194

Artigo Original
Submissão: 02/07/2021 Aprovação: 02/07/2021

RELATO SOBRE O PROJETO KYWAGÂ: MUITO ALÉM DE ROUPAS

Isabel Teresa Cristina Taukane
isabeltaukane@gmail.com

INTRODUÇÃO

O desejo das lideranças do povo indígena kurâ-bakairi de produzir roupas, sapatos, bolsas, acessórios entre outros, com identidade própria da etnia, na verdade não é de hoje. Conforme pode ser comprovado pela notícia publicada na data 09/08/2004 com o tema "Índios de Mato Grosso vão lançar grife"[1], na época foi levada a ideia para a Superintendência de Assuntos Indígenas do Estado de Mato Grosso, no entanto a instituição não disponibilizou aporte financeiro para a execução, na época. Por outro lado, os editais lançados para as populações indígenas "tradicionais" são por muitas vezes restritos o que inviabilizam as inovações com linguagens híbridas, formatos interculturais construídos na contemporaneidade.

O governo de Estado de Mato Grosso, por meio da Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer, lançou chamadas públicas distribuídas nos seguintes editais: Edital conexão Cultura Jovem, Edital MT Criativo, Edital Circuito de Mostras e Festivais, Edital Nascentes, Edital conexão Mestres da Cultura. Pois, um dos setores que se mostrou mais venerável durante a pandemia foi o da economia da cultura, com a paralisação de eventos presenciais houve a perda de renda dos trabalhadores da cultura. De maneira que foi preciso a criação da Lei nº14.017/2020, conhecida como a Lei Aldir Blanc para auxiliar o setor cultural.

A partir daí, foi possível a realização do projeto *Kywagâ* de desenvolvimento de Moda kurâ-bakairi, realizamos todos os processos exigidos, até sermos selecionados para esse Edital de chamada pública nº O7/2020/ SECEL/MT CRIATIVO, no qual o documento diz que "visa selecionar projetos de criação e/ou desenvolvimento de produtos, serviços e processos inovadores de empreendedores criativos." Por esse motivo consideramos ser

[1]NEWS, 2. H. https://www.povosindigenas.org.br, 2004. Acesso em: 15 jun. 2021.

o mais adequado para submeter o projeto *Kywagâ*.

O projeto *Kywagâ* propõem inovar o desenvolvimento da Moda Indígena mato-grossense que atualmente é insipiente ou mesmo ausente no circuito de produção de Moda no Estado de Mato Grosso. De tal maneira, no princípio contamos com a estilista da capital Cuiabá, Savana Leão, prontamente aceitou compor a equipe do projeto, mas que posteriormente ela não pôde participar, sendo então, substituída pela designer de moda Vanda Guerra.

Foto 1: Desfile de roupas com grafismos e símbolos das máscaras sagradas - duas garotas do povo indígena-Kurâ-Bakairi.

Na tentativa de trazer a cultura dos grafismos da etnia para a Moda, gerar alternativas de renda para mulheres kurâ-bakairi, que foi idealizado o projeto. A palavra Kywagâ, no idioma desse povo indígena pode ser dito e entendido de duas maneiras. A primeira compreensão é para dizer sobre nós, a história do povo indígena, por meio arte do grafismo e da icnografia e a segunda compreensão é para dizer sobre o que é posto no corpo, tais como, ornamentos (roupa, assessórios e outros). De maneira

Foto 2 -Coleção tons vermelho e preto com grafismo Kurâ-Bakairis - roupas masculinas e femininas todos produzidos na aldeia.
Fonte: arquivo do projeto Kywagâ, 2021.
Local: Aldeia Kuiakware /TI Bakairi/MT.

que acreditamos ser a denominação adequada para dar a identidade ao projeto de desenvolver linhas de produtos singulares da etnia.

2 A ROUPA OCIDENTAL E POVOS INDÍGENAS

A relação de roupa ocidental e povos indígenas nem sempre foi algo fácil, ela foi algo impositivo para fins colonizadores de "civilizar" e se olharmos para a história da vestimenta ocidental, podemos constatar que ela foi violenta não somente aos povos indígenas, mas também para as mulheres não indígenas. Conforme Castilho (2004) que observa, que em certos períodos históricos, as roupas tornaram-se algo que subjugou as mulheres: "Enquanto a movimentação do homem era permitida e facilitada por meio dos trajes, a movimentação feminina era restrita e limitada. Usando o espartilho, por exemplo, até a sua circulação sanguínea era dificultosa" (CASTILHO, 2004, p. 122). Desse modo, o vestuário pode tornou-se um instrumento de opressão.

Defendo a ideia de que a concepção de roupa para as populações indígenas, antes da colonização era uma outra ideia do modo de vestir, comungado por vários povos, a ideia da roupa imaterial, construída na pele por pinturas corporais.

A pintura sobre a pele que, para os indígenas, é vestimenta, para os olhos ocidentais foi vista como nudez. Ao partir da ideia de que a roupa territorializa o corpo, podemos indagar sobre o que aconteceu com a imposição da vestimenta ocidental. Com a proibição da "nudez" e a prescrição das peças de roupas para a etnia Kurâ-Bakairi, podemos concluir que novas maneiras de ver e se relacionar com o corpo foram estabelecidas.

Devemos, com isso, considerar que esse processo produziu uma desterritorialização do corpo Kurâ-Bakairi? Sim, uma vez que consideramos a desterritorialização se dá também pela descontinuação dos saberes corpóreos e de sua estética própria. Isso nos autoriza a dizer que se tratou da eliminação de uma *estética da existência*[2], visto que a pintura corporal requer o corpo nu e, ao vestir, a pintura corporal, parafraseando o título *A Natureza em Pessoa,* Viveiros de Castro (1996), converte-se em *A Arte em Pessoa,* ou seja, se a pessoa é a arte em si ou a personificação de arte, porque não dizer que a própria vida consistia em ser a arte bruscamente interrompida pela colonização.

Ainda falando sobre o vestir ocidental, compartilhamos do pensamento de Mesquita (2008), que concebe a vestimenta como *roupa-território de existência,*

[2]Estética da Existência de Foucault, no livro *Amizade e Estética da Existência de Foucault,* de Francisco Ortega.

em que investiga "modos de relações de si e modos de relação com o outro, a partir de um modo de existência que tem o corpo como cenário e o vestir como estratégia" (MESQUITA, 2008, p. 20). O referido trabalho nos abre caminho para inúmeras reflexões sobre o vestir, o corpo, a relação consigo e com o outro. Daí nos interessa indagar de que a imposição da vestimenta ocidental aos povos indígenas (vencidos) consistiu em uma estratégia civilizatória, embora a primeira impressão da roupa nos pareça algo sutil, mas que, no entanto, foi utilizado de maneira eficiente para fins colonizadores, em que transformou a relação corporal. Além de forçar uma vestimenta desconhecida, a estratégia operou uma transformação do modo de ser, das subjetividades e da relação consigo (como me vejo) e com o outro, nas formas como me vejo e como sou visto.

Assim sendo, as roupas ocidentais não possuem as nossas características de maneira que no contemporâneo no pós-colonização, é necessário revertemos algo que nos oprimiu no passado em algo que conte a nossa história, fortaleça a identidade e re-territorioliza os saberes gráficos das pinturas corporais e produza conhecimentos fortalecedores do modo de ser kurâ-bakairi.

3 CONCEPÇÃO, EXECUÇÃO E METODOLOGIA

Como dito antes, a gestação desse projeto se deu muito antes do surgimento da lei Aldir Blanc, mas foi essa lei que fez com que fosse possível. O reencontro com o desejo de fazer o projeto que envolvesse a moda e os grafismos, veio à tona novamente ao conhecer a artista plástica Rita Ximenes, que trabalha com técnicas de tingimentos em tecidos e o desenvolvimento de estamparia com técnicas milenares.

Somados também o conhecimento acumulado sobre as pinturas corporais que resultou no manuscrito "*kurâ iwenu* (a nossa pintura): performance e resistência na pintura corporal kurâ-bakairi", desenvolvido durante a pós-graduação em estudos da cultura contemporânea que possibilitou ter maior segurança em desenvolver um projeto um tanto ambicioso e ou mesmo pretencioso, mas necessário para trazer para o debate, a moda indígena.

O projeto kywagâ, possibilitou montar um ateliê na aldeia indígena, no qual foi possível a realização de oficinas de estamparia, tingimentos, modelagem, corte e costura é na aldeia o processo de confecção.

3.1 PROCESSOS: OFICINAS DE TINGIMENTO E PRODUÇÃO DE ESTAMPARIA

No mundo da arte têxtil, as estamparias são fundamentais e elas possuem inúmeras narrativas. Como, por exemplo, os florais podem narrar a respeito da estação do ano, a primavera, os jardins, o buquê e assim por diante, as estamparias possuem mensagens, memórias, sensações, posicionamento, pertencimentos entre outros.

Sendo então, que produzir estamparia própria é algo muito significativo, pois podemos narrar a história de resistência do nosso povo e também a resistência da arte gráfica que é milenar uma memória ancestral construída em outros tempos que chegou até os dias atuais. Ter mais perto os nossos símbolos, a nossa maneira de ver o mundo, trazer para perto os ancestrais a nossa cosmovisão.

Existem povos no mundo que tem essas narrativas impressas no tecido e desenvolveram formas de tingir os tecidos artesanalmente, utilizam técnicas milenares de tingimentos e estamparia, tais como: a técnica *print block, shibori*, batik, dentre outros.

Nessa oficina foi experimentado o uso de pigmentos de plantas do cerrado que soltam tintas conhecidas pela etnia. E foi realizado um breve levantamento sobre as vegetações que produzem tintas, nas folhas, flores, cascas, sementes, entre outras.

PLANTAS COLETADAS AO REDOR DA ALDEIA KUIAKWARE, ALDEIA PAIKUM

Foto 3 -Cascas, sementes, extado de vegetais **Fonte**: arquivo do projeto Kywagâ, 2021. Local: Aldeia Kuiakware /TI Bakairi/MT.

NOME DE PLANTAS

EM KU-RÂ-BAKAIRI	EM PORTUGUÊS	PARTE DA PLANTA UTILIZADAS	COR
Auntô	Urucum	Sementes	Tonalidades vermelhados
Iduaxi	Lixeira	Cascas	Tonalidades amarelados
Menrum	Jenipapo	Fruto	Tonalidades azuis
Ohogogi	----------	Cascas	Tonalidades marrons
Torire	----------	Cascas	Tonalidades claros tons pastéis
Kyadugi	----------	Cascas	Tonalidades vinho

TECIDOS COM TINTA NATURAL NO VARAL

Foto 4 - Tecidos secando ao vento e vovó Vilinta Kaiomalo **Fonte**: arquivo do projeto Kywagâ, 2021. **Local:** Aldeia Kuiakware /TI Bakairi/MT.

Foto 5 -Tecidos tingidos com tintas naturais com a obtenção de algumas tonalidades. **Fonte**: arquivo do projeto Kywagâ, 2021. Local: Aldeia Kuiakware /TI Bakairi/MT.

3.2 PRODUÇÃO DE CARIMBOS X PINTURA À MÃO LIVRE

O princípio utilizado para produção de carimbos é do *print block,* que é uma técnica indiana no qual blocos de madeira são entalhadas e manualmente aplicados à tinta tecido por repetições. A Rita Ximenes adaptou essa técnica de utilizar E.V.A. Foi selecionado os grafismos mais adequados para serem feitos

por essa técnica, pois os grafismos são geométricos tais como linhas, losango, triângulos entre outros.

Foto 6- Mulheres Kurâ-Bakairi produzindo carimbo. **Local:** Aldeia Kuiakware /TI Bakairi/MT.

Foto 7- Aplicação do carimbo no tecido, produzindo a estamparia.**Local:** Aldeia Kuiakware /TI Bakairi/MT.

Embora, os carimbos terem sido feitos para reproduzir as estampas mais rápido, a novidade não ganhou muitos adeptos, sendo a mão livre, o mais utilizado. Assim, os jovens e mulheres participantes fazem os seus próprios processos de aplicação dos grafismos e símbolos.

O público alvo do projeto foi mulheres das aldeias da Terra Indígena Bakairi, do município de Paranatinga/MT, mas ganhou interesse de homens e de jovens. O cenário de pandemia nas aldeias não foi diferente do restante do

mundo, provocou e segue causando muita dor da perda de membros da etnia. Pois, a instituição governamental que cuida da saúde indígena, atende somente os indígenas que moram no território e os indígenas que estão em contexto urbano não tem o direito de serem vacinados, mesmo comprovando o vínculo familiar e territorial da etnia de pertencimento.

Entre, os participantes haviam vítimas da covid-19, que foram contaminadas, mas que se salvaram, com ervas medicinais e depois foram vacinadas. No entanto, a doença deixou sequelas ou mesmo, as que perderam um membro da família para a doença.

As oficinas se tornaram um importante espaço terapêutico de cura, ao menos emocional. Pois, conforme o relato de uma participante, com o luto pela morte do pai, ela havia entrado em uma tristeza profunda, no qual, não tinha mais vontade de fazer mais nada, conforme relato, ela só chorava. Com as atividades das oficinas, não lembrava da sua tragédia ela mudava de foco para a atividade produtiva de que gostava participar, e assim estava encontrando novamente a vontade de viver, outra participante, diz que nunca poderia imaginar de que a nossa cultura poderia ser tão bonita. A colonização atuou fortemente na eliminação da estética indígena, ao ponto de na atualidade existirem pessoas que não enxergam beleza na cultura do qual estão imersas.

Foto 8 - Experimentações de aplicação de tinta para produzir estampas com grafismos. **Fonte:** arquivo do projeto Kywagâ, 2021. Local: Aldeia Kuiakware /TI Bakairi/MT.

Assim sendo, podemos dizer que autoestima é a palavra certa para descrever a sensação sentida pelas mulheres, ao apresentarem a coleção de roupas kurâ-bakairi que incluem roupas femininas, masculinas e infantis peças do vestuário da Moda Indígena desse povo, e é mais do que o processo de produzir raupas, existem outros aspectos que é o reterritorializar a estética própria.

Foto 9 - Experimentações de aplicação de tinta para produzir estampas com grafismos. **Fonte:** arquivo do projeto Kywagâ, 2021. Local: Aldeia Kuiakware /TI Bakairi/MT.

Referências

CASTRO, E. V de. A natureza em pessoa: sobre outras práticas do conhecimento. In: **Encontro "Visões do Rio Babel. Conversas sobre o futuro da bacia do Rio Negro"**. Manaus: Instituto Socioambiental e a Fundação Vitória Amazônica, 2007.

CASTILHO, K. **Moda e linguagem**. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi,2004.

MESQUITA, C. **Políticas do vestir: recorte em viés**. 2008. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

Quem sou eu

Isabel Teresa Cristina Taukane é indígena da etnia Kurâ-Bakairi de Mato Grosso, Brasil. Desde muito jovem é militante do Movimento Indígena na capital mato-grossense. É Doutora em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso-PPGECCO/ UFMT (2019) possui Mestrado em Desenvolvimento Sustentável: Área de Concentração Povos e Terras Indígenas pela Universidade de Brasília (2013) é graduada em Propaganda e Marketing pela Universidade de Cuiabá (2005) é licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Ciência e Tecnologia Invest (2018) e está matriculada no curso de Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Mato Grosso. É membro fundadora do Instituto Yukamaniru de Apoio Às Mulheres Indígenas Bakairi, instituição que desenvolve pequenos projetos eco-sociais/culturais na sua etnia de origem. É pesquisadora vinculada ao grupo de pesquisa COEDUC/ UFMT (Grupo de pesquisa Corpo, Educação e Cultura, da Universidade Federal de Mato Grosso) e ao grupo de pesquisa Cauim: estudos e práticas dialógicas no contexto de povos e territórios tradicionais, da Universidade de Brasília (UnB). Atua na escola Estatual Adão Toptiro localizado na aldeia Abelhinha, Terra Indígena Sangradouro do povo indígena Xavante e na Formação de Professores no Projeto Saberes Indígenas nas Escolas – REDE UFMT.